

" IV Encontros de Outono: Democracia e Participação na Escola"

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

25/11/2017

OS DESAFIOS DA DEMOCRACIA NA ESCOLA

Cumprimento os colegas de mesa e todos os presentes.

Agradeço à UTAD, ao Fórum Português de Administração Educacional e à Professora Maria João Carvalho, o convite para participar neste encontro de Outono, na qualidade de Presidente do Conselho das Escolas, que aceitei com muito prazer.

1. A DEMOCRACIA NA ESCOLA

A “democracia nas Escolas” é uma temática que vai ocupando as agendas educativa e mediática, ao sabor das conveniências e da conjuntura política. Como se tem visto, primeiro, num *desinteressado* movimento de personalidades ligadas à educação e, logo depois, pelas intervenções públicas de alguns responsáveis ligados aos sindicatos de professores e de alguns políticos, ligados aos partidos que suportam o Governo, nos últimos dois anos parece que um dos maiores problemas da educação é a falta de democracia nas Escolas.

Nos últimos anos, nem os governos nem os partidos políticos com representação parlamentar, todos eles sem exceção, foram capazes de implementar soluções ou apresentar medidas legislativas que permitissem devolver aos professores o tempo de serviço congelado; **ou** que efetivamente dotassem as Escolas do pessoal não docente necessário; **ou** que assegurassem que todas as crianças e jovens tinham acesso a uma alimentação de qualidade; **ou** que travassem a constante intromissão - para lá do aceitável - do Instituto de Gestão Financeira na gestão do orçamento das Escolas e nas funções dos respetivos órgãos de administração; **ou** que arrefecessem os ímpetos de algumas das autarquias com funções delegadas por contrato, que tentam abocanhar, é este o termo, as competências das Escolas e manietar nos seus diretores e diretoras, chegando ao ponto de enviarem mensagens por telemóvel, ou em papelinhos, para os funcionários se apresentem no serviço X ou Y, à revelia dos diretores das escolas.

Estes sim, são verdadeiros desafios à democracia nas Escolas.

Nenhum destes problemas que afetam hoje as Escolas mereceu tanta preocupação dos políticos, ou dos sindicatos, muito menos mereceu uma petição das personalidades ligadas à educação.

Todavia, já se apresentaram projetos de lei na Assembleia da República para alterar o atual e “pouco democrático” modelo de administração e gestão das escolas.

Falta democracia nas Escolas, dizem alguns.

Será que falta democracia, porque não se transmitem aos alunos, nem estes vivenciam nas Escolas os princípios e os valores democráticos?

Não creio que falte democracia às e nas escolas, antes pelo contrário, a Escola continua a ser o local em que os jovens, em Portugal ou



em qualquer parte do mundo, vivenciam durante mais tempo e com mais liberdade os valores democráticos. Em que as suas opiniões podem ser ouvidas e podem contar. Mesmo nos países subdesenvolvidos ou sob regimes totalitários, se os jovens tiverem acesso à Escola sempre será lá que experimentarão mais liberdade e mais democracia. **Portanto, não é por aqui que falta democracia nas Escolas.**

Falta democracia porque a escolha dos dirigentes escolares não resulta de uma maioria, apurada por métodos democráticos, nomeadamente através de eleições livres? Ou que a escolha dos representantes dos professores, alunos, pais e funcionários nos vários órgãos e estruturas de gestão das Escolas não é feita seguindo métodos e procedimentos democráticos?

Não, também não será por aqui que se poderá acusar a Escola de não ser democrática: elegem-se os coordenadores de departamento, elege-se a maioria dos elementos do Conselho Geral, elege-se o Diretor, os alunos elegem os delegados de turma, os pais e encarregados de educação elegem os respetivos representantes, elegem-se as associações de pais, elegem-se associações de estudantes. **Enfim, nas Escolas só não se elegem os professores de cada turma.**

Continuam a existir órgãos colegiais nos quais professores, funcionários, alunos e pais tomam decisões, colegialmente, sobre várias matérias. De facto, as matérias de natureza pedagógica continuam a ser tratadas e decididas pelo Conselho Pedagógico e pelos Conselhos de Turma; as matérias financeiras continuam a ser decididas pelo Conselho Administrativo, os assuntos relacionados com a direção estratégica das Escolas são tratados pelo Conselho Geral, no qual todos os interesses da comunidade educativa e escolar estão representados.



As decisões e deliberações destes órgãos não são tomadas colegialmente, por maioria? Livrementemente? Democraticamente?

Será que a Escola se tornou menos democrática pela passagem de um órgão de gestão colegial - Conselho Executivo - para um órgão unipessoal- Diretor, sob quem recai a responsabilidade e o poder de decidir em matérias de gestão? Será que, por causa da existência de um Diretor escolhido pelos atores escolares, eles próprios deixaram de participar nas decisões que se tomam nas Escolas e evitam expressar as suas opiniões com receio de retaliação.

Há medo nas Salas de professores, como afirmou o secretário geral de uma federação sindical?

Penso que é por aqui que vão os defensores da “falta de democracia nas escolas”, saudosos da “autogestão” e da “gestão democrática” pós 25 de abril, que colocava a gestão das Escolas quase exclusivamente nas mãos dos professores, deixando aos pais e aos alunos um papel figurativo e afastando a comunidade educativa de também tomar parte nas decisões mais relevantes da sua Escola, repito da sua Escola.

Atualmente, o Diretor da Escola é escolhido pela maioria dos representantes da comunidade educativa, de forma livre e democrática, através de uma maioria constituída por um ato eleitoral, no qual têm voz e voto os interesses da comunidade.

Claro que se podia reforçar ainda mais a democracia na Escola. Bastava alargar o poder de decisão sobre a escolha do Diretor e sobre os assuntos escolares e educativos a todos os que têm interesse direto na Escola, ou por ela são afetados - os alunos maiores, os pais dos alunos menores, os funcionários, os professores, a autarquia...



Penso, todavia, que nem os sindicatos, nem os partidos políticos, nem sequer as “personalidades” ligadas à educação, defensoras de mais democracia aceitariam tal banho democrático.

2. *QUANTOS AOS DESAFIOS FUTUROS*

Penso que a democracia nas Escolas, tal como na sociedade, é algo que nunca teremos por assegurado. Será necessário o empenho de todos para a manter viva.

Pressinto que, a curto e médio prazo, serão três os desafios à democracia nas escolas:

- I. O primeiro prende-se com a crescente deslocalização da administração e gestão das escolas para o exterior das mesmas, naquilo que Licínio Lima designa por “direção escolar atópica”, ou fora do lugar. Com a excessiva centralização do sistema educativo e com a delegação de competências nas autarquias, corre-se o risco de as decisões que hoje ainda são tomadas nas Escolas serem capturadas pela força gravítica da administração central e autárquica. A tendência será as Escolas irem perdendo autonomia e poder de decisão para essas entidades externas e distantes. Neste cenário, se a gestão das Escolas passar a ser exercida, ou comandada à distância, pela administração central e pelas autarquias, a tendência será para que se esbata o sentido de pertença dos atores escolares, passando estes a encarar a Escola tal como o inquilino encara a casa alugada.
- II. As recentes políticas de agregação de escolas e de constituição de mega agrupamentos retiraram personalidade às instituições escolares e, porque a Escola se ampliou e se tornou um território para muitos desconhecido, promoveram o crescente alheamento



e afastamento dos atores escolares, nomeadamente dos professores, das questões profissionais e organizacionais e da própria escola. O alheamento dos professores leva a um desinvestimento ou a uma “não inscrição”, como dizia José Gil, na organização escolar: os professores centram-se nas aulas e nos alunos, deixam de participar nas comemorações e nos eventos de carácter organizacional, como sejam as festas, as comemorações, as efemérides; deixam de se preocupar com a tomada de decisões organizacionais e com a escolha dos órgãos de administração e gestão. Daqui também poderá resultar uma menor vivência democrática no interior das escolas.

Termino afirmando que a democracia anda sempre a par da autonomia das escolas. Reforça-se quando aumenta a autonomia e contrai-se quando se esta se reduz.

25 de novembro de 2017
José Eduardo Lemos
Presidente do Conselho das Escolas

